

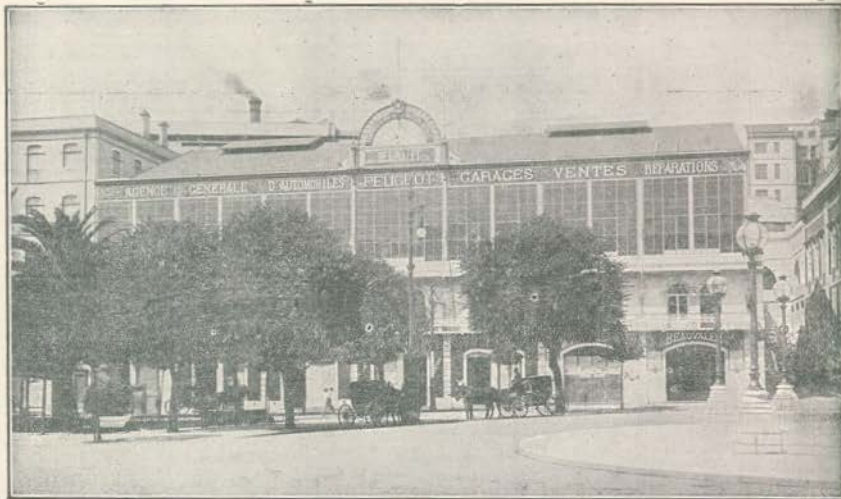
NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação ate hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 4\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 4\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de PEUGEOT A MAIS ATAMIDA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NOUVEAU PARFUM
VIOLET

PRINCIA



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e preoz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarroties, Lambrze, d'Arpenligny. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 4\$000, 2\$500 e 5\$000 réis



As Novas obras de Santa Engracia

O FUTURO LICEU DE LISBOA



igreja parochial de Santa Engracia, e um mancebo de gerarchia, accusado de ter committido o desacato, foi condemnado á morte e executado. Quem lavrou, por signal, a tremenda sentença foi o poeta da *Ulysséia*, que, pelo visto, na qualidade de juiz era despido de toda e qualquer sentimentalidade de trovador. Fazer versos e mandar matar homens pode hoje parecer officio bastante antagonico, mas n'aquelle tempo talvez se afigurasse, pelo contrario, a coisa mais natural do mundo. E o peor era quando se mandava matar, por erro, algum inno-

ão tem fim, como as obras de Santa Engracia, é uma phrase corrente em Lisboa, applicada, no sentido de adagio, a qualquer trabalho de construcção que se interrompe ou a que não se descortina prompto acabamento. A phrase tem por base uma lenda popular, localisada no celebrado edificio incompleto de Santa Engracia, esse sumptuoso templo de monumental e custosa fabrica, que no seculo XVII se elevou até á cimalha e parou n'essa altura, sem que até hoje lhe tenha sido posta a cupula.

A lenda tem, de resto, um fundamento historico, sendo conhecido o processo da inquisição relativo ao facto real que serviu de nucleo á sua formação. Nos principios do seculo XVII foi roubado o sacario, com as particulas, da



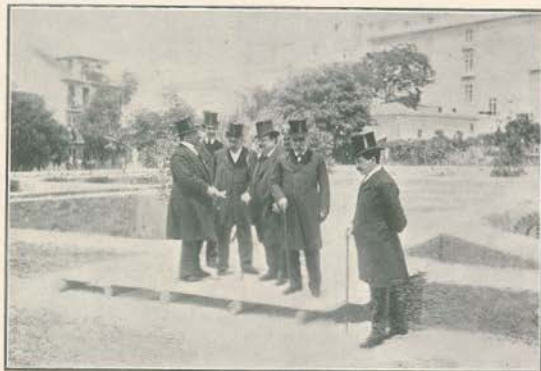
El-Rei entrando no recinto das obras



O sr. Alberto Monteiro indicando um bormenor da construcção

cente, como n'este caso succedeu. A victima do juiz poeta nada tivera, em boa verdade, com o caso. Se rondava de noite pelas immediações da igreja profanada, como o haviam surpreendido alguns visinhos, era porque namorava uma freira do convento proximo, a quem não quiz comprometter, dizendo o nome, embora se defendesse com tenacidade. Mas não lhe valeram as negativas, e por isso, —intervem agora a lenda, —quando ia para o supplicio, ao passar defronte da nova igreja em construcção, protestou a sua innocencia mais uma vez e acrescentou que, como prova d'ella, por mais que fizessem nunca as obras se acabariam. Cumpre notar que o templo inacabado de Santa Engracia foi principiado bem depois do desacato, e exactamente n'uma intenção expiatoria; mas está de vêr que semelhante pormenor chronologico não faz mal de nenhum modo á lenda.

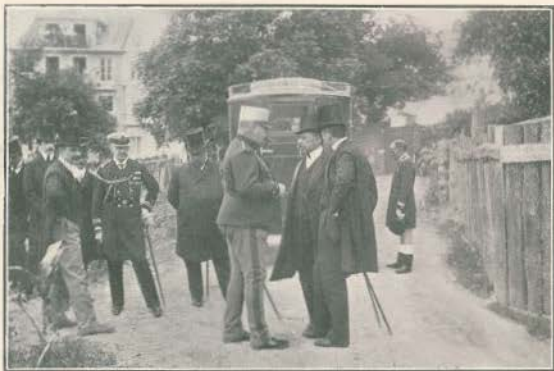
Está apurado que foi a maldição do amante da freira justicado innocente que entrou para todo o sempre o acabamento das obras de Santa Engracia; pois conformemo-nos com isso, tanto mais que, na realidade, parece ser effeito da influencia sobrenatural o desleixo inexplicavel de nunca se ter concluido o pouco que faltava no



O ministro das obras publicas ouvindo os engenheiros

sumptuoso templo. O que nos importa saber agora é se aqui para os lados de Jesus teria havido tambem algum derricho freiratico ou não, com desfecho mais ou menos tragico, e competente anathema comminatorio das obras do lyceu. E' uma supposiçao que nos parece perfeitamente admissivel attendendo ao que tem acontecido com estas modernas obras de Santa Engracia.

O seu primeiro projecto data de 1884. Escusado se torna dizer que foi alterado, modificado e emendado por diversas vezes, porque isso succede habitualmente com todos os projectos de obras do governo, sendo portanto coisa sabida. Acabou-se finalmente, depois de muito trabalho, por ter um novo lyceu de Lisboa, no papel,



El-Rei conversando com os srs. João Franco e Malheiro Reymano



O sr. Rozendo Carvalheira explicando a planta das obras

muito asseadinho e de razoavel apparencia, e heuve, como é natural, jubilo geral. Passal-o do papel para o dominio das realidades tangiveis era o que parecia, a principio, como parece sempre, o mais facil de fazer. E ha vinte annos exactos começaram-se na cêrca do convento de Jesus os trabalhos das fundações para o grande lyceu da capital. Ha vinte annos certos, em 1887.

D'ahi por diante, a historia d'estas modernas obras de Santa Engracia é accidentadissima e só poderá ser relatada com segurança depois de laboriosas investigações, que não temos tempo disponivel para emprehender. Ora paravam, ora recommçavam; hoje eram abandonadas, amanhã proseguidas. Um dia faziam-se por administração do Estado, no ou-

tro abria-se concurso para as dar de empreitada. Um governo nomeava uma comissão para consultar sobre o seu proseguimento, o seguinte decidia, sem comissão, não as continuar. E' uma complicação com que ninguém se entende. Apenas se sabe de positivo que ao cabo de 300 contos gastos, o novo lyceu de Jesus deveria estar em metade, e por essa altura ficou com todos os visos de não andar mais para diante.

Quasi já não se falava n'elle, como não se fala já de Santa Engracia senão quando é preciso citar o respectivo adagio.

O anno passado bacharelou-se na Universidade, mesmo, um estudante que o pae, morador pelas circumvisinhanças, tinha chegado ingenuamente a acreditar que faria o curso ly-

ceal no edificio então em começo na cêrca do convento de Jesus. N'este momento deve suppôr-se a possibilidade de que isso venha a acontecer a algum filho do actual bacharel. Começa effectivamente a surgir uma esperança vaga de que talvez aquellas malfadadas obras ainda venham a acabar-se, e de que d'aqui a dois annos teremos, embora com menos cantarias fastosas, aberto e funcionando, o lyceu que a capital necessita ha tanto tempo, que tem projectado desde ha um quarto de seculo e que começou a construir desde ha vinte annos.

Dois annos é ainda um praso relativamente longo, e, dados os precedentes, pode reccar-se tudo; fazemos votos para que a actividade tenaz do talentoso architecto sr. Rozendo Carvalho possa triumphar do anathema que parece ter caído sobre as obras da cêrca de Jesus, similar ao que fulminou as de Santa Engracia, a fim de que cheguemos a ter finalmente uma casa limpa, com ar, luz e espaço, onde os nossos filhos possam estudar.

A população lyceal de Lisboa está dividida por tres casas velhas, no Carmo, em S. Domingos e na Lapa, todas tres sem sombra de apropriação para tal destino. As pobres creanças, cheias de vida, desejosas de sol, como o é sempre a mocidade, sentem-se asphyxiar dentro d'aquellas salas e pateos antigos, cujas paredes giam humidade accumulada durante seculos. Libertante extravasando do ambiente mephitico interno para a rua, onde não é possível defendel-as de todas as promiscuidades deploraveis que a rua offerece, principalmente em Lis-



O sr. Fontoura da Costa fazendo uma indicação



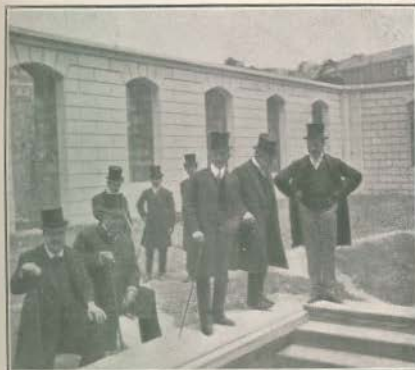
O sr. Carvalho conferenciando com o sr. presidente do conselho

boa. Mas, os que não sahem definham e entristecem; principiam a dar guarda nos seus espiritos infantis, que n'outras condições seriam tão espontanea e expansivamente garrulos, a um primeiro assalto de tedio da vida e das cousas — a doença dos velhos a começar tão precocemente!

O lyceu de Jesus, situado n'um bairro que reúne excellentes condições hygienicas, e apresentando-se por todos os lados desafogado de ar e de luz, delineado com sufficiente vastidão de ambito e de espaço, será, pois, uma obra verdadeiramente meritoria, — se as suas obras de Santa

Engracia conseguirem chegar a termo viavel d'esta vez.

Esperemos que cheguem, porque é preciso que não continuemos a exhibir o triste espectáculo de conservar, durante um dia quasi inteiro, as pobres crianças encerradas nos mephiticos pardiões, que actualmente servem de lyceu na capital. Como as aves e como as plantas, as creanças precisam de ar, de sol e de liberdade. Dentro das salas macambuzias e mal arejadas definham e enfezam. Nem é justo que mantenham a intelligencia clara e o espirito alerta, para aproveitar do ensino, quando nos edificios em que os fecham ha, a pezar sobre elles, a atmospheria deprimente das casas velhas, e não existe mesmo, porventura, a cubagem de ar necessaria. Esperemos, pois, que cheguem, para que possamos formar, ao mesmo tempo que a instruímos, uma mocidade cheia de força e alegria moral, nobremente amiga da vida e digna verdadeiramente de gosar-a, e não uma geração melancolica, que principia nas aulas sombrias a experimentar o descoroçoamento de viver.



Verificando o estado das obras — (CLICHÊS DE BENOLIEL)



COMO SE FAZ UMA MAGICA

As magicas, que fazem o encanto da vista pelo fausto glorioso do scenario, pela prestigiosa illusão dos trucs e pelo esplendor polychromo dos vestuarios, e que fazem algumas vezes, tambem, o encanto do ouvido pela belleza da sua musica,—essas inoffensivas magicas teem, comtudo, quem as deteste com o pretexto de lhes faltar logica dos factos e das idéas, e porque as suas personagens ficticias se movem n'um mundo e n'um meio con-

convençionaes, apenas ao capricho da vontade e da phantasia, sem nenhuma preocupação de verosimilhança. Ora, d'este modo, accusam-nas e condemnam-nas pelo que ellas exactamente possuem de melior.

O enredo das magicas é, em regra, circumscripto á lucta entre um genio bom e um genio mau, copiados mais ou menos fidedignamente das personificações grandiosas dos pantheons mortos, e variado pelo episodios mais ou menos imaginosos da procura de um talisman perdido. Parece ser bem pouco; mas, apesar d'isso, Theophile Gautier considerava esse futil enredo um quadro magnifico para exhibir os sonhos de um poeta. O êsfecho requer quasi sempre a intervenção *Deus-ex-machina* do theatro antigo, que ainda apparece ás vezes em pessoa, sobre nuvens, acompanhado por toda a cõrte do Olympo. Mas, o que admira?! Os velhos deuses pagãos, embora reformados, conservam um superior valor decorativo e não deixam de ter certa utilidade e varias serventias. O proprio Molière, no *Amphytrion*, acaba a sua comedia pela apparição de Jupiter, repimpado sobre a sua aguia, armado com o raio fulvineo e acompanhado dos trovões. De resto, uma boa magica não pode dispensar uma apothese, pelo menos, e comprehender-se-ha facilmente o contrasenso que seria ir collocar, n'um throno de estrellas ou

n'um carro de nuvens, qualquer amanuense de misterio, vestido com um frack de cheviote e de chapéo de côco. Para as apotheses é evidente que falta ao homem contemporaneo *le physique du metier*, ao passo que o ultimo dos comparsas de Jupiter Tonante, enfeitado com uma grinalda, desempenha admiravelmente o papel, pelo habito.

E' por isso que se gosta das magicas como se gosta dos contos de fadas, cujos heroes são por vezes os das poeticas lendas religiosas dos aryanos, e atravez cujos véos de sobrenatural o olhar experimentado do mythologo vê sempre a descripção grandiosa da luz nascente, do erguer do dia após o seu somno amargurado da noite. Nos contos de fadas, a personagem principal é tambem sempre um principe ou princeza encantada ou perseguida, que, depois de varias peripecias, consegue quebrar o



Carmen Cardoso (Conde da Luz)

[Cobra] Bel-Pavor)

encanto ou escapar á perseguição. Mas, os episodios disfarçam a monotonia resultante da invariabilidade do thema, e todos nós, no fundo, gostamos dos contos de fadas.

As fadas... eu creio n'ellas!
 Umás são moças e bellas,
 Outras velhas de pasmarm...
 Umás vivem nos rochedos,
 Outras, pelos arvoredos,
 Outras á beira do mar...

Algumas em fonte fria
 Escondem-se, enquanto é dia,
 Saem só ao escurecer...
 Outras debaixo da terra,
 Nas grutas verdes da serra
 E' que se vão esconder...

O poeta, que é Anthero de Quental — *excusez du peu, messieurs!* — acreditava nas fadas. Pois tambem nós acreditamos n'essas boas damas, e até com a fé mais viva e sincera, E porque não haviamos de acreditar? Pessoalmente, não temos nenhuma razão de queixa d'ellas, nem ouvimos ainda reclamação da parte de qualquer pessoa conhecida contra algum maleficio da sua maravilhosa varinha de condão. Por isso juramos por ellas a mãos juntas. E ainda, além d'ellas, acreditamos tambem, sem custo, nas mouras, que costumam pentear, ao sol, os seus opulentos cabelos louros, com pentes de ouro, e que na tradição peninsular substituiram as fadas.

As fadas são conhecidas pelos seus nomes, e sabem-se os attributos pessoas de cada uma. Algumas são especialmente celebradas, e são essas as que mais figuram naturalmente quer nos con-



Carmen Cardoso (Conde da Luz), Arminda Neves (fada Idealina) e Delphina Victor (Princesa Sol)

tos quer nas magicas. O poeta cita as principaes que conhece:

Eu sei os nomes d'algumas.
 Viviana ama as espumas
 Das ondas, nos areaes.
 Vive junto ao mar, sósinha,
 Mas costuma ser madrinha
 Nos baptizados reaes.

Morgana é muito enganosa:
 A's vezes, moça e formosa,
 E outras, velha, a rir, a rir...
 Ora festiva, ora grave,
 E vóa como uma ave,
 Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?
 De Titania, a pequenina,
 Que dorme sobre um jasmim?
 De cem outras, cuja gloria
 Enche as paginas da historia
 Dos reinos de el-rei Merlin?

Além dos dois genios que se combatem, e além das fadas, entram ainda nas magicas outros elementos de maravilhoso, não só em personagens, como os gigantes e os anões, as bruxas e as feiticceiras, e varios outros monstros, incluindo os animaes que falam, como tambem em armas e utensilios magicos, em portas que se fecham e abrem por si, cadeiras e outros moveis que andam, etc.



Cabral (Belpavor) e Carlos Vianna (Principe Lopo)

Escusado será dizer que o diabo, coitado, tem quasi sempre um papel preponderante em taes peças.

A historia do diabo, como se sabe, é uma das mais curiosas que podem lêr-se. Theologicamente, todos sabem que elle é um anjo decaído, que se tornou inimigo de Deus e tentador dos homens. Era um dos mais perfeitos da coherente angelical, nomeado até Lucifer, pelo brilho immaculado das suas virtudes. Revoltou-se, porém, por orgulho e vaidade, con-



Gomes (Sraphim)

tra o poder de quem o creára puro e bom, mas se esquecera imprevidentemente de lhe tirar o livre arbitrio. Então, o bom Padre Eterno chrisinou-o em Satan ou Belzebuth, e, exilando-o, mandou-o ser rei dos infernos, mantendo-lhe, comtudo, uma natureza intermediaria entre os deuses e os homens, o que, conjunctamente com o presente da nova realza que lhe foi outorgada em substituição de Plutão, é uma prova evidente da suprema e infinita bondade, mesmo quando castiga.

A titulo de curiosidade, merece a pena notar-se que esta concepção dualista é muito velha na historia, o que mostra, aliás, quão profundamente se enraizara na noite da humanidade o thema constante, e hoje obscurecido no seu sentido primevo, das magias. Os assyrios suppunham já que um ser superior, denominado por elles Tiamat, se revoltara tambem contra os deuses. Os persas acreditavam que os espiritos maus, chamados *deus*, andavam em guerra aberta com os espiritos bons, chamados *izeds*. Na mythologia hindu e na grega, mais conhecidas, reproduzia-se a mesma crença.

O nome de diabo quer dizer etymologicamente «calumniador», e, por uma flagrante contradicção, succede que o pobre diabo tem sido uma das pes-

soas mais caluniadas n'este mundo, a tal ponto que a propria justiça dos ríões se indignou e entendeu dever collocar as coisas no seu verdadeiro pé. *O diabo não é, afinal, tão feio como o pintam, e, a accellar ainda o testemunho de um outro proverbio; fôra até bonito quando era novo. Mas, teem-se farto de pintal-o, valha a verdade, do mais horroroso feito. A sua iconographia constitue o mais grotesco e phantastico album que possa imaginar-se. O typo mais classico representa-o com figura quasi humana, mas com o corpo coberto de pellos e terminado por uma longa cauda, como os macacos; a fronte ornada de chifres, como os bodes; pés de fauno e em vez de mãos garras; ás vezes com duas azas de morcego. Nas magias modernas, o diabo, tendo lido o tratado de dandysmo de Barbey d'Aurevilly, ajanotou-se. Conserva os cornos, mas despontou-os e afusou-os, disfarçou-os graciosamente com a grenha; igualmente amputou o appendice caudal, exagerado em demasia para cavalheiro de boa sociedade; os pés mettu-os em longos sapatos agudos e as mãos em compridas luvas vermelhas; e vestiu-se com requintado gosto, de côres vistosas e pelo risco elegante do mais habil alfaiate. Faz gosto vê-lo tão catita, em scena, e até, correndo o perigo de peccar, não pode a gente deixar de sympathisar com o maligno.*

Demais, é preciso confessal-o, a transformação comica e picaresca do diabo, iniciada na idade-media e a corrente anecdotica que successivamente se tem condensado á volta da sua primitiva legenda, tudo isso, com o andar dos tempos completou lentamente a dissolução do terrivel simbolo catholico. Do proprio arsenal da igreja parece estar já completamente varrido e expulso o fingido elemento de pavor. Hoje, nem mesmo os prégadores provincianos mais affeição-dos aos efeitos de terror sobre as almas



Arminda Neves (toda Idea lina)

simples se atrevem a reproduzir as descrições tetricas das chammas e das penas do inferno. A escantia maldita, que attingiu o seu cumulo de horror na pintura magistral de Dante, encontra-se despovoadas; todos os velhos habitantes dos seus sete circulos emigraram para sitios mais amaveis. O diabo, perante semelhante abandono, deixou a administração do reino das trevas ao Deus-dará, — se pode assim dizer-se, — e, liberto de

cuidados, não pensou mais senão em divertir-se; actualmente o maior trabalho que tem, de vez

Amélia Barros (Rainha D. Porcia), Corrêa (Rei Berimbau Bexiga)

em quando, é figurar em alguma magica. A vida está para elle.

Ao diabo, isto é, ao genio máu, segue-se o anjo ou genio bom, segunda personagem indispensavel em qualquer peça do genero. Escusado será dizer que tem tambem varios nomes e se apresenta sob varias formas, todas, porém, derivadas de um tronco commum, que no Egypto se chamou Horus; na India principalmente Surya; na Grecia primeiro Apollo, com os seus numerosos sobrenomes, depois Helios, quando se accentuou a influencia dos deuses mysticos do Oriente. Em resumo, é o Sol, o grande principio creador e vivificador, e, d'esta forma, as magicas não são mais do que novas elaborações inconscientes das grandes legendas symbolicas da humanidade em que se representava o phenomeno natural da lucta da luz com a sombra, do dia com noite, — ou do principio do bem com o do mal, no campo moral.

É facil imaginar, pois, o que um artista de alma pôde fazer com semelhante thema e a bella obra admiravel e encantadora que ha de ser uma magica em que sejam bem aproveitados todos os recursos que offerecem a poesia, a musica, a dança, o guarda roupa e o scenario. Infelizmente são poucas as peças do genero devidas á imaginação de verdadeiros artistas. A *Andromède* e a *Toison d'or* de Corneille não são outra coisa senão magicas. Os modelos são, porém, a *Tempestade* e o *Sonho de uma noite de verão* de Shakespeare e a *Princesa da China* de Gozzi. No theatro lyrico, quer a *Armida* de Gluck, quer o *Lago das fadas* de Auber, quer o *Fausto* de Gounod, quer a *Cendrillon* de Massenet, quer o *Oberon* de Weber, todas essas operas, afinal, não são outra coisa tam-

bem senão magicas. E a maior parte dos dramas lyricos de Wagner, o *Lohengrin*, o *Navio phantasma*, o cyclo do *Annel do Niebelungen*, o *Parsifal* egualmente magicas, baseadas nos mythos septentrioneaes.

As magicas populares modernas, essas, não são assignadas por nomes tão illustres e emprestam o seu maior brilhantismo á pompa do vestuario e á sumptuosidade do scenario. Falta-lhes, em regra, logica e interesse na acção; mas sobejam-lhes os recursos da machinaria theatral aperfeçoada. Como se executam os diferentes trucs das magicas é coisa já sabida correntemente. O diabo, que apparece e desaparece por um alçapão, os trovões fabricados com latas, os raios e as chammas de facil pyrotechnica, as projecções de luz apotheticas, e todo o resto, embora seja conhecida a sua manipulação, não deixam, por isso, de constituir um espectáculo feerico, que agrada á maioria do publico.

Bem pode quem quizer, para se dar ares, apregoar que não gosta das magicas; no fundo não ha ninguno que não se divirta um pedaço quando tem occasião de assistir á representação de alguma. E' como os contos da carochinha. Naturalmente, depois de chegada uma certa idade, a gente ja não se entretem a ouvil-os, e até, quando se lhe fala n'elles, esboça um sorriso de superioridade desdenhosa. Pois bem. A verdade lealissima é que, de vez em quando, um ensejo por outro, todos sentem prazer em ouvir recontar alguma d'essas historias maravilhosas. E a prova é que ainda se representam magicas e que não faltam espectadores aos theatros que as põem em scena.

Com o *Coração do Diabo*, que é uma magica dos srs. Eduardo Victorino e Luiz Aquino, com musica de Filipe Duarte e Filgueiras, actualmente em espectáculo na Avenida, succedeu um episodio curioso, que bem poderia ser — visto que de magicas se trata — resultado da intervenção de qualquer poder sobrenatural. Na noite da *première* tinham-se representado o primeiro e segundo actos, e o panno subira para



Corrêa (El-rei Berimbau Bexiga)

o terceiro, quando de repente o theatro ficou mergulhado em plena escuridão. Suppõe-se que era da peça. Pois não era. O caso passou-se simplesmente na noite em que a corrente electrica se interrompeu e as ruas da cidade ficaram por algumas horas ás escuras. Do que resultou, na primeira noite da sua representação, ficar o *Coração do Diabo* por acabar. Mas acabou-se no dia seguinte, em todo o caso.

Como o leitor verá, todo o pessoal do costume lá figura: o diabo, que dá pelo euphónico nome de Bel-pavor, a fada, etc. Nem podia deixar de ser. O systema de fazer uma magica nunca varia. Mas, apesar de não variar jamais a manipulação da magica e de succeder muito habitualmente a de hoje parecer-se com a de hontem, a verdade é que raro acontece não agradar alguma.

Tem havido magicas celebres, que se representam epochas e epochas a fio, como os *Sept chateaux du diable*, por exemplo, que tambem foi traduzida em portuguez se nos não falha a memoria. A par d'essas, outras teem-se limitado a conquistar um successo mais modesto, que, algumas vezes, não excede o periodo restricto de uma temporada. Mas, magica que tenha caído, como caem um drama ou uma comedia, d'isso é que nos parece que não ha idéa em memoria de homem.

Em Portugal este genero de peças teve um especialista, que se tornou celebre. Foi o Oliveira das magicas. Ninguem o conhecia já por outro nome, e elle, escravo docil da fama e da popularidade, não tivera mais remedio que conformar-se. O numero de magicas com que o prolifico Oliveira inundou os theatros populares, durante uns poucos de annos successivos, não tem conto. Ultimamente parece que chegara mesmo



Gomez (Seraphim)—Pepita de Abreu (Seraphina)

a cozinhal-as por um processo quasi automatico. Era pegar do diabo, de uma fada ou duas, uma princeza encantada, um principe valente e gentil, um casal de reis-caturras e grotescos, se são paes do principe, ou bonacheirões se são paes da princeza, — um escudeiro, destinado a casar com a creada, alguns genios ou diabretes de segunda ordem, para

qualquer necessidade ocasional, misturar no caldeirão e pôr ao lume. Ao cabo de algum tempo estava a magica prompta a servir em qualquer theatro disposto a incluí-la no respectivo menu. E por este talento culinario o Oliveira tornou-se um dos homens mais conhecidos de Lisboa e ganhou decerto bastante dinheiro. Bons tempos esses, que, afinal, não são ainda muito antigos.

Afinal, depois d'isto tudo, esqueceu-nos contar realmente a valer como se fabrica uma magica; mas comprehende-se que, se o fôssemos ensinar aqui a toda a gente, seria o meio de estabelecer uma concorrência illegitima e desvantajosa para os actuaes auctores d'aquellas peças, e para a carpintaria theatral que tão valiosamente coopera para as pôr em scena. Ainda assim, quem quizer pôde experimentar o processo expeditivo de Oliveira. Os personagens que indicámos desde que se vejam juntos sabem já o que teem a fazer: o principe vai correr as sete partidas do mundo para desencantar a princeza e no fim os paes não teem outro remedio senão consentir no casamento.



Stella (Inspiração)—Americo (Escudetro)—Puiva (Embaixador)—Emilia Abreu (Sybilla)—Villa (Mira-montes)

OS IMPÉRIOS DO ESPÍRITO SANTO

FESTAS POPULARES DOS AÇORES

ENTRE o povo açoreano conservam-se ainda muitas tradições, lendas e costumes peculiares do archipelago, umas e outras que foram comuns ao Portugal continental, mas que ahí desapareceram desde longo tempo.

De todas as festas populares açoreanas, as do Espírito Santo são as mais espalhadas nas ilhas, e em todas ellas se realisam na mesma epoca, posto apresentem notaveis differenças de ilha para ilha, e ainda, na mesma ilha, de localidade para localidade.

Em um ponto, porém, e esse essencial, se assemelham todas: no seu fundo religioso e caritativo e no caracter festivamente popular que as distingue.

São principalmente festas da rua, festas do campo, ao ar livre, enfeitadas de bandeiras, de flores e de verduras, povoadas de multidões garridamente vestidas, ruidosas de folias, de toques de tambor e cantos de foliões, de foguetes e bombas rechinando e estrelajando de toda a parte. E do chão juncado de hervas e flores silvestres—a herva de Santa Maria, a neveada, a malva-rosa, os geraniums—eleva-se um aroma vivo que, junto á singela poesia da tradição que envolve estes festejos, parece que nos perfuma até a alma.

Não quer dizer que em muitos logares não hajam já perdido bastante da animação e contentamento que d'antes apresentavam, isso sobretudo devido á corrente espantosa da emigração insular que desfalca as populações, roubando-lhes os seus elementos mais validos e mais vivaces, que são os novos, e deixam



Atrando foguetes, que nos Açores se denominam «voqueiras»

do nos que cá ficam muita saudade e inquietação. para não poderem expandir um prazer que manifestamente lhes falta.

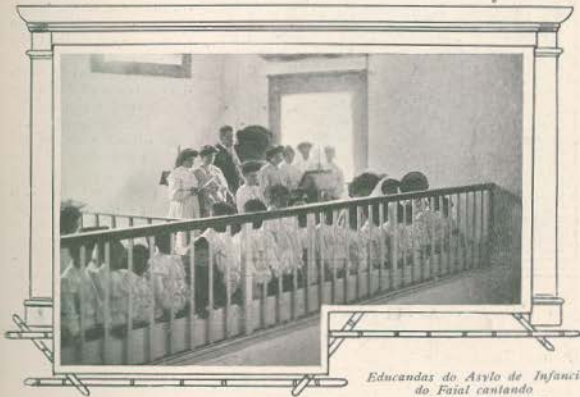
Que povo existe alegre e despreoccupado se d'elle desapareceram aquellos que possuem a mocidade, e tudo que lhe é inherente, restando apenas velhos em cujo coração arrefecido sómente está fresca a lembrança triste dos que por lá andam, e de muitos dos quaes, tanta vez, nem uma noticia houve!

Um outro facto tem contribuido para o desanimado d'estas festas:—a prohibição das folgas (bailes populares) nas casas onde esta a coroa, prohibição feita por bispos, que entendiam sim muito de cousas de igreja mas nada da alma do povo.

E, todavia, como adeante se verá, esses bailes são tradiçoes, veem de tempos remotissimos, occuparam sempre logar importante, e até nas proprias igrejas se realisavam, por occasião dos festejos do Espírito Santo. Na da tinham, pois, de irreverentes.

Segundo uns documentos antigos, eis resumidamente algumas notas historicas sobre o assumpto.

Foi a Rainha Santa Isabel, esposa de D. Diniz,



Educandas do Asylo de Infancia do Faial cantando uma missa de coroação

que instituiu em Portugal as festas do Espírito Santo, começando por lhe levantar um templo, por inspiração divina, na villa de Alemquer.

Quando foram os mestres e trabalhadores a dar principio á obra acharam o edificio traçado pelos anjos, e os alicerces abertos todos á flor da terra conforme a mesma planta que a Santa Rainha debuxára na idéa.

Mandou logo que abrissem os fundamentos mais altos sem se tirarem da traça que o mesmo céo lhe dera. Continuando a obra passou por este logar uma moça com umas poucas de rosas, as quaes lhe mandou pedir a Rainha Santa: e quando as recebeu levantou, como era seu costume, as mesmas rosas nas mãos ao céo dando louvores a Deus, que entre espinhos asperos creava flores tão bellas: despedindo-se á tarde deu uma rosa a cada um dos officiaes declarando que com ella lhe pagava o jornal d'aquelle dia inteiro: tomarão isto por graça: podem quando já Sol posto, recolheram os fardeis, as rosas em suas próprias mãos se converteram em dobras, que eram certas moedas d'ouro d'aquelle tempo.

Principiavam as festas no Domingo de Pascoa da Ressurreicção, com uma procissão solemnisima, que chamão *Imperio*, que sahe do convento de S. Francisco, e se recolhia na Igreja do Espírito Santo, a qual era assim chamada por ir n'ella e ser huma principal parte, de que se compunha, hum *Imperador* acompanhado de dous Reys com suas esposas, e sequito de pagens, e nobreza, os quaes offerecendo primeiro suas Coróas a Deos no Altar Mór de S. Francisco, erão coroados com ellas por mão de um religioso revestido em habitos Sacerdotaes; e no fim da Procissão as tornavão a offertar ao Divino Espírito no Altar Mór da sua Igreja, por mão de hum Sacerdote, e tornando a ser coroados, se assentavam em hum throno debaixo de um docel para assistir ás dan-

ças (1), e outros festejos dos Nobres com que se concluia.

«Esta Procissão se repetia todas as Domingas de Pascoa até o Pentecostes; no Sabado, vespera d'este, se fazia de tarde a ultima, e muito mais solemnisima em que se cercava a villa toda com rolo de cera, que chamão *candea*, e ficando a ponta do dito rolo presa e accesa no Altar Mór de S. Francisco, se vay extendendo até á Igreja de Nossa Senhora da Assumpção de Triana, e n'esta se recolhe esta ultima Procissão, e d'aqui se passa logo

á cerimonia de benzer o pão, e a carne, que está já preparada para se repartir pela Villa e gastar no dia seguinte no bodo e Casa do Espírito Santo.

«Na festa do mesmo Espírito Santo, concluidos os cultos sagrados, que fazião os tres dias com magestosa devoção começavam festas seculares de touros, argolinhas e canas, a que concorria a nobreza de Lisboa e outras partes do Reyno.

«Muitos milagres tem havido da Santa Rainha nas occasiões dos bodos porque o pão, e carne crescerão a olhos vistos cada hum no seu payol, para satisfazer e poder

chegar ao grande concurso, que se juntava.

«Antes d'isto aconteceu no cozer a carne romper-se a caldeira daquellas, em que se cozia, e não cahir no fogo cousa alguma do caldo: e sendo muitas estas caldeiras, algumas vezes se achava, que nem a fervura, nem o caldo, que se tirava com a carne diminuão a conta da agua que se lhe tinha lançado.

«Desta maravilha duvidava o cosinheiro del-Rey D. Duarte, e se desenganou, quando a viu com seus olhos: outras vezes aconteceu estando já concertadas todas as caldeiras, varrida a fornalha, a lenha debaixo, de dentro do lar, (que se não aqueceu em todo aquelle anno antes estava humido) sahirão linguas de fogo com que se acendeo a fornalha.»

Esta mistura de historia, de lenda e de maravi-



Os garotos, que na frente do cortejo apanham as cannas dos foguetes, quando caem



O imperador dentro do quadrado das varas

(1) Eis a origem das folgas.

lhoso, que envolve a origem das primitivas festas do Espírito Santo, a conta o padre José Pereira Bayão, na sua *Vida da Rainha Santa Isabel*.

Por todas as villas e cidades de Portugal se foram espalhando as festas do Espírito Santo. Para os Açóres as trouxeram os primeiros colonos que povoaram estas ilhas, e de tal sorte se arreigaram no povo que nunca mais desapareceram, quando no continente successivamente se extinguiram.

O padre Alberto Pereira Rei, em um opusculo que publicou em Lisboa no anno de 1753 (o padre era açoreano) narra factos curiosos ácerca d'aquellas festas no archipelago, factos que elle, do seu ponto de vista, attribue a milagres, como, aliás, os achou na tradição.

Assim conta de bois e carneiros que, destinados a serem abatidos para a carne servir nos bodos, e que tendo-se sumido nos pastos, de seu moto proprio se apresentaram ao sacrificio no dia marcado. E de um homem que havendo escolhido para ofertar

curral, prompto e enfeitado para ser morto e dado aos pobres, e a lava cercou o curral, tudo destruiu em volta, mas nem o bezerro nem o curral soffreram lesão alguma. (Este caso acha-se consignado em outro manuscrito que tenho á vista.)

Continuando com o padre Alberto, ainda este se refere a um sacerdote da villa das Vellas da ilha de S. Jorge, chamado Matheus Fagundes, o qual, por devoção de sua mãe, e sua propria, todos os annos punha uma mesa de comer e beber a doze pobres á sua porta, no dia do bodo commum do Espírito Santo; um anno, porém, sendo a mãe já decrepita e muito doente, não quiz dar a dita mesa, pelo que, estando á janella o dito padre a vêr as outras mesas que estavam pela rua, despega-se e arranca-se a grade e com ella caiu sobre a mesa que estava de baixo, sem que se quebrasse cousa alguma das louças e



Uma promessa particular ao Espírito Santo

aos pobres no Espírito Santo um grande boi gordo, substituindo-o depois fraudulentamente por uma vacca magra, na mesma loja onde pendurou esta, morta, lhe appareceu na manhã seguinte, ao lado d'ella, morto tambem e esfolado, a carne para uma parte e as tripas para outra, e igualmente pendurado, o tal boi, primeiro prometido. E de casas de moradores da ilha do Pico que escaparam illesas ás torrentes de lava que tudo alastraram e destruíram na celebre erupção de 2 de outubro de 1718, por guardarem trigo e vinhos destinados ao bodo do Espírito Santo, e nada padeceram as ditas casas por esse motivo.

A tradição resa tambem de um bezerro que, ao tempo de outra notavel erupção vulcanica, em abril de 1672 (1), entre as freguezias do Capello e Praia do Norte da ilha do Fayal, se encontrava em um

frasco que n'ella havia mas quebrando elle uma perna como castigo de ter faltado á sua promessa, a que nunca mais faltou.

Mais succedeo no logar da Urzellina da mesma ilha de S. Jorge, n'um anno de esterilidade, em que não havia vinho para se dar de beber ao povo no dia do Espírito Santo, pois apenas havia uma pipa e não bastava para a terceira parte da gente d'aquelle logar (vamos sempre seguindo a narrativa do padre citado), puzeram a pipa no terreiro onde se fazia o festejo, beberam todos em todo o dia sem n'ella se achar diminuição, e durou nos dois dias immediatos, quando não eram sufficientes cinco ou seis pipas que se gastava n'aquelle povo em outros annos de abundancia.

Até aqui a tradição, que, á parte o maravilhoso, tão conforme é ao que ainda hoje passa.

(1) Em consequencia d'esta erupção fez a camara municipal e o povo um voto ao Espírito Santo que ainda hoje se cumpre.

Ainda hoje nos Açóres estas festas conservam os lineamentos primitivos, e principalmente os conser-

vam nos logares mais remotos onde o maneirismo moderno não conseguiu entrar a adulteral-as.

Cada *Imperio* ou *Ramada* (porque no começo eram armações feitas de verduras que se levantavam para receber a corôa) é servido por uma *irmandade*, tirando entre si à sorte os irmãos a qual d'elles ha de *servir*, isto é, fazer o festejo nos diversos dias para esse fim destinados.

Na vespera a corôa é transportada da casa do *Imperador* cessante para a d'aquelle que no dia seguinte o será e essa mudança realisa-se por meio de uma procissão mais ou menos apparatusa, segundo as localidades e as posses dos que as fazem.

A' frente abrem o cortejo os tres *foliões*, com suas opas vermelhas, seus lenços de côr apertando-lhes a cabeça, sua bandeira desfraldada, tambem vermelha e com a pomba symbolica e os emblemas do Espirito Santo bordados a branco.

N'alguns logares, em certas aldeias do Pico, por exemplo, na parte superior da haste da bandeira vêem-se enfiados pães e bolos de uma massa especial enfeitados de flores. Isto durante a procissão do dia, porque lá raro se fazem as da noite. Os *foliões* vão cantando uns versos apropriados do cancionero popular do Espirito Santo, acompanhando-se pelos sons de um tambor e de pandeiros que agitam a compasso.

Lá vem o Espirito Santo,
Mais alvo do que um crystal;
Dera-lhe o vento nas azas,
Começára de voar.

Oh meu nobre imperador
Olhae para vós, vereis,
Vereis toda a bizarria
Ao redor dos vossos pés.

Oh meu nobre imperador
Folha do cravo rosado;
Sois a mais brilhante flor
Que habita n'este logar.



Uma coroação de creanças

Divino Espirito Santo
Que á vossa casa hei de ir;
Ao pé do vosso altar
Um sonho hei de dormir.

Divino Espirito Santo,
Senhor de sceptro e corôa,
Vós na terra sois pombinha,
No céu divina pessoa.



Rezes enfeitadas com flores, destinadas a ser abatidas para um bode do Espirito Santo

Seguem-se, a meio do caminho, filas de meninas, muito bem vestidas de branco e cabellos soltos, emquanto aos lados marcham cadenciadamente dois renques de homens levando n'uma das mãos uma *vara* vermelha ou branca, onde tambem se vêem pintados os distinctivos do Espirito Santo, e na outra lanternas acesas.

Fecham o desfile, primeiro tres meninas, levando a do meio o *estandarte* de seda branca; e logo atraz vem o *quadrado das varas* (quatro varas brancas que fecham um quadrado sendo sustentadas nos pontos de junção por outras qua-

tro meninas) e dentro do qual caminham mais tres, a do centro ccm a corôa nas mãos, uma com a *salva* e outra com o *sceptro*.

Depois segue-se a obrigatoria philarmónica, e por ultimo o acompanhamento moveição do povo. Muitos archotes acabam de illuminar o prestito que percorre as principaes ruas, recolhendo a casa do *Imperador* do dia immediato.

N'este dia a precissão repete-se, dirigindo-se á egreja, onde o *Imperador* é coroado com a corôa na cabeça em dada altura da missa, finda a qual o cortejo se pôe de novo a caminho, agora para o *Imperio* ou *Ramada*, onde a corôa é deposta, succedendo-se o restante cerimonial, que consta de arrematação de offerendas, a que chamam *iguarias*, e de bодо aos pobres.

Nas aldeias, em geral, as precissões são mais simples, mas por vezes mais características e animadas. Ahí, terminada a missa, o *Imperador* desce a egreja de corôa na cabeça, por entre o povo, e então de todos os lados chovem-lhe em cima punhados de confeitos que os garotos e as mulheres, rojando-se no chão, ajuntam, empurrando-se vigorosamente. Ha occasiões em que são muitos kilogrammas de confeitos atirados á corôa, porque isso constitue tambem um objecto de devoção e promessa, chegando pessoas existentes na America a mandal-os atirar por parentes ou amigos, em consequencia de algum voto particular.

Em seguida forma-se o cortejo á porta da egreja,

indo o *Imperador* dentro do quadrado das varas sempre de corôa na cabeça e levando ao lado o *pagem* (um rapazito) com o *estoque*.

Assim se dirige para a *Ramada* onde tem lugar o jantar que ali mesmo na casa da *copeira* em frente á *Ramada* foi cozinhado de ante-mão. Muitas pratedas de enormes sopas de pão, aromatisadas de endro e hortelã, muita carne cozida das rezas gordas que na vespera, enfeitadas de flôres, foram a matar para aquelle fim, muita travessa de arroz doce, muito pão de massa de leite e muito frasco de vinho. Este

é o jantar do *Imperador* e dos seus convidados (1): — o primeiro janta na *Ramada* sempre de corôa na cabeça, ou só, ou apenas acompanhado de algumas pessoas mais graduadas, enquanto os restantes jantam na *copeira* em volta de grandes mesas cheias e fumegantes da comida appetitosa e rescedente.

O que se come e se bebe n'estas occasiões é estupentuda cousa! As saudes são ruidosas e acompanhadas do rufar das facas nos pratos e de vozes em grita: «Lá vae! Lá vae! Viva! Viva!»

Por ultimo, quando os estomagos estão replectos e os espiritos entorpecidos, segue-se um côro interminavel — a que chamam *cantar as mesas* — n'uma meloeja seguida e dormente, com grandes copos de vinho esvaziados d'um trago ao fim de cada copla.

Vem depois a arrematação das *iguarias*, — fructas, ovos, gallinhas, cabritos, carneiros, vitellas, rosquilhas, pães de ló, etc., — tudo enfeitado de fitas e flôres. — Flôres e verduras igualmente por toda a parte juncam o chão e enfeitam o *Imperio*, que é ainda adornado de mastros com bandeiras.

N'estas arrematações os leiloeiros rivalisam de graças e dichotes — d'aquella graça grossa do povo que faz as raparigas esconder nos chales os rostos ruborisados e que seria capaz até de fazer corar um preto.

Só mais tarde se distribue o bодо — pão, carne e vinho nos mais abundantes — e ainda depois fatias de massa sovada ás creanças.

No Pico, onde estas festas são particularmente animadas e mais chegadas á tradição, e em quasi todos, se não em todos os *Imperios*, se offerece indistinctamente ás pessoas presentes *rosquilhas* e *bolos* de varias fórmats e feitos, e que cada qual leva para sua casa como uma reliquia do Senhor Espírito Santo, chegando a remetel-os para a America aos parentes e amigos.



O imperador distribuindo esmolos de tigelas de sopa e carne, que successivamente lhe vão passando de dentro da casa

(1) O modo por que o imperador faz os convites é curioso: — dois dias antes da festa, com um braçado de varas ás costas, vae pelas casas das pessoas que deseja convidar e em cada uma deixa uma varra. Aquelle que a recebe fica assim sabendo que está convidado para a festa e para o jantar.

E seja qual fôr o lugar onde se celebra, a toda a festa, desde o seu começo, sentados d'aqui, d'ali, por cima dos balcões, dos muros proximos, e pelas janelas, assistem magotes de gente que se entregam a varios divertimentos. Por exemplo, na freguezia da Praia do Norte, no Fayal, todos que estão na *Ramada* se atiram uns aos outros mancheias de tremoços curtidos, n'um entusiasmo de carnaval primitivo; e na freguezia dos Cedros, da mesma ilha, apparecem repentinamente bandos de mascarados que põem toda a multidão em rebolição com seus pulos e guinchos desordenados.

Ainda na freguezia da Praia do Norte ha outras costumeiras interessantes. De tarde, por exemplo, o *Imperador* senta-se na *Ramada* com a corôa na cabeça. Os *fóliões*, acompanhados dos irmãos de serviço com suas toalhas brancas, dirigem-se á *copeira* e d'ali trazem em folia, cantando e dançando, um copo d'agua com um ramo d'alecrim dentro, e vão offerecel-o ao *Imperador*; e successivamente, com os mesmos descantes e danças, lhe levam grandes

pães de massa sovada, bonecos, coelhos e até gatos! todos enfeitados de fitas e flores, no meio da risota e galhofa da assistencia.



O padre no theatros do Imperio, benzendo as iguarias



Imperio das Lages, na ilha do Pico

Ajunte-se a gente toda,
A quem nós queremos tanto;
Vamos buscar a corôa
Do Senhor Espirito Santo.

Abri-vos portas do céu,
Com muito grande alegria!
O Divino Espirito Santo
Está em nossa companhia.

Se quereis saber quem corôa
Hoje aqui, n'este convento,
E' a Virgem Mãe de Deus,
Que p'ra tudo é um portento.

Nossa Senhora do Carmo,
Senhora das maravilhas,
Se no céu vos louvam anjos,
Cá na terra as vossas filhas.

Nossa Senhora das Neves,
Eu no vosso adro estou!
Botae-me a vossa benção,
Que sem ella me não vou.

Caminha o S. José,
Bom Jesus leva por guia;
Ambos vão p'ra Nazareth
Mais a Virgem da alegria.

Olha para aquelle altar,
N'elle vereis nove rosas,
Tres brancas e tres vermelhas,
Qual d'ellas mais formosa.

Abri as portas, São Pedro,
A esta tão nobre gente,
Que vem vêr o bom Jesus
Lá das partes do Oriente.

Quero agora aqui cantar
Hoje com grande amor;
Ellas vem a offerecer
Ao mui nobre imperador

Quero agora cantar,
Ellas são muitas e gordas;
Segundo me a mim parece
O manjar são boas sopas.

À MESA

E scenas enternecedoras que tantas vezes teem...
De uma me está agora lembrando, que mais se me
illumina na memoria entre outras.

Foi tambem na Praia do Norte ha annos. Aji pas-
sava dois dias com alguns amigos, dos quaes nem
todos já existem. A dentro da hospedeira casa onde
challavamos pelos fins de um farto jantar aldeão;
chegaram-nos uns sons de tambor, um canto de voz-
zes vagas.

— «É' uma mudança de corôa!» — disseram.

Do mesmo impulso todos saltámos á estrada.

La a pôr-se o sol. Uma luz ameigada e fluida dou-
rava os montes: dourava ramos de pinheiros, atravez
as quaes, como atravez uma renda negra, se avista-
va, lá muito em baixo, a Fajá e o mar: dourava a
estrada: dourava um grupo de raparigas que seguiram
lesta atrás de tres folões de opas tambem doura-



As quatro corôas das quatro irmandades do Espírito Santo da freguezia dos Cedros (Fayal). A terceira corôa, contando da esquerda, é a de que resta a lenda haver pertencido a um rei gódo, e ter ficado n'aquelle ilha do tempo dos hespanhoes, que se esqueceram d'ella na sua saída, e a não encontraram quando voltaram por ella, por a ter escondido uma mulher da freguezia, enfiando-a n'uma perna, conforme diz a tradição. Esta corôa pertence hoje ao imperio real.

Deus vos salve, casa santa,
De Jesus acompanhada,
Onde está o calix bento,
Mais a hostia consagrada.

Comtudo, a viva alegria que presidia a estas festas tem decahido bastante, como já se disse, e pelas razões tambem já expostas, sendo a principal a falta de gente, que a emigração nos tem roubado. Bastará dizer que aldeias existem onde a população diminuiu de metade!

São, todavia, aquellas festas os unicos divertimentos verdadeiramente populares dos Açôres e que representam uma velhissima tradição sempre grata ao coração do povo.

das e flammejantes no occaso. Pelo caminho ao pequeno grupo juntava-se mais gente que o avolumava. Caminhámos com elles.

Por ultimo reconhecemos a casa da corôa pelo estandarte de seda branca desfraldado a uma das janellas abertas, por dois ou tres homens que sobre o balcão queimavam foguetes, por uma ninhada de creanças bem vestidinhas, que ao portal, em baixo, sobre a estrada, grazinavam alegres.

Em breve lá estavam todos dentro — todos os que puderam entrar, porque a salita era do tamanho d'uma mão. Mas tão cheia de luzes e de flores, tão rescedente como um ramo silvestre cortado fresco. O altar ao fundo, onde brilhava a corôa de prata, ardia de velas accesas, sob o docel retezado, feito de alvissima toalha semeada de flores pregadas. Os



Um bolo do Espirito Santo

mas boas percebia-se evolada no ambiente.

Os folhões ajoelharam e entraram a cantar versos de despedida, as primitivas redondilhas apropriadas áquelle acto do sair da corôa:

Botae as ovelhas fóra,
Que vem o sol arraiando;
Botae uma, botae duas,
Botae todas em bando.

Vejo um resplendor de gloria
Todo bem alumiado;
Todo cercado dos anjos,
Todo dos anjos cercado.

olhos das creanças, tão curiosos, tão abertos, e tão lindos, pontilhavam-se de todas aquellas luzes, e davam luz elles tambem, parecendo outros tantos balõesinhos coloridos n'uma iluminação veneziana. E uma suavidade, uma frescura de al-

N'istouma mulher nova assomou á porta que dava para o interior da casa. Ao collo trazia uma creança, e no seu rosto derramava-se uma tão fina tristeza, que não era tristeza, era saudade, que logo nos prendeu o

Dizei que direi agora
Entre tanta fidalguia?
Hei de suster-me a cantar,
Chorarei com alegria?

Senhor Espirito Santo,
Como está tão alegre!
Está dando as suas graças
Aos devotos que o servem.

Lá vem o Espirito Santo
Eil-o lá vem ao ilhéu!
Com a corôa na cabeça,
Que vem coroado do céu.



Uma rosquilha do Espirito Santo

olhar e fundamente commoveu.

E soubemos então:

O filhito que trazia ao collo estivera á morrer; ella promettera *alumiar* o Senhor, Espirito Santo se elle melhorasse; e como melhorára trouxera para casa a corôa e durante um mez lhe accendera luzes. Agora ia Elle partir, o Senhor Espirito Santo, que fóra segundo ella acreditava o medico bemfazejo do seu filho.

Acabaram de cantar os folhões. Ergueram-se. Tomaram a corôa e a todos a deram a beijar. Com que anciedade, com que reconhecimento, com que pesar, a beijou a mãe e a fez beijar ao pequenito! Era um sentimento sincero e forte, que nos impressionava. Percebia-se que ella sustinha as lagrimas. Mas quando já todos tinham sahido, duas d'essas lagrimas conseguiram escapar-se, correram pelas faces, rolaram cheias de todas as luzes accesas, como duas gottas da alma sentimental d'aquella mãe amorosa.

E como lhe fôssemos a perguntar:

— Tem então muito pesar?...

Ella atalhou:

— Ah, senhor, quem não ha de ter pesar!... O Senhor Espirito Santo foi que me curou o meu filho... Esteve aqui na nossa companhia mais de um mez... Esta casa vae ficar sózinha!

Sahi tambem.

Já o cortejo se tinha afastado; o tambor soava ao longe; alguma bomba estourava; e por cima do povo adejavam lentamente, no ar azul da montanha, as manchas branca e vermelha do estandarte e da bandeira dos folhões.



Mezas com pão e vinho,
para as esmolas
aos pobres
E' costume distribuir
esmolas de pão,
carne, vinho e massa
sovada pelos ir-
mãos, e esmolas da
mesma natureza aos
pobres.

O sol escondera-se...
Uma frescura perfumada de
ervas subia do solo...
(Fayal.)

FLORENCIO TERRA.

Nota—As festas açoreanas do Espírito Santo, communs a todas as ilhas, e de lá transportadas para o Brazil, onde ainda hoje se celebram tambem, representam um exemplo

de persistencia local, verificado igualmente em outros phenomenos ethnographicos, das velhas tradições e costumes da metropole, que, com o tempo, mais ou menos se obliteraram. Como o sr. Theophilo Braga notou, «o grupo da população portugueza confinada no archipelago açoreano desde o segundo quartel do seculo xv, se para o anthropologista merece especial interesse para fixar as suas differencições do typo continental, pelos costumes, as danças, os cantos lyricos e narrativos, os casos, as superstições do vulgo,

tem uma incomparavel valia, porque, fazendo-se o paradigma com as tradições portuguezas do continente, resalta logo o facto da sua immensa riqueza e pureza primitiva, resultante do isolamento insular.»

E' corrente, e o distincto escriptor açoreano auctor do artigo antecedente a isso se refere, transcrevendo Bayão, um dos varios chronicistas que repete as lendas allusivas, ter sido a rainha Santa Izaabel quem estabeleceu em Portugal as festas do Espirito Santo. Os

documentos historicos provam, de facto, ter aquella princeza illustre propagado a devoção do Espirito Santo, e é até provavel ter sido ella quem a fizesse acceitar pela egreja; mas a festa tem fundas raizes no culto pagão, e devia conservar-se precedentemente já nos costumes populares. Attesta-o o symbolo phallico da pomba, a semente e a banha do bôdo com a *ghilite*, e ainda outros factos de revivescencia, que lhe andam accessorios, e são facéis de interpretar à luz do criterio ethnologico.



Praia do Norte: Jantar na «raibadão»



A meza, antes de principiar um banquete do Espirito Santo

(CLICHÉS DE HEITOR PIMENTEL, NUNES SOBRINHO E FILHO.)

LÁ POR FÓRA

Grande exposição internacional de cavallos em Londres

A CABAL de realizar-se em Londres uma exposição interessante e importantíssima de cavallos, a primeira internacional que abre a nação que me-

Uma serie interminavel de cavallos, eguas e burros de todas as especies e tamanhos, os mais formosos exemplares do mundo divididos em varia-



O celebre steams de cavallos cinzentos de mr. Wandersbill (1.º premio)



O campeão belga tenente Daufresne

nos tem a temer no confronto. O recinto escolhido foi o hall colossal do «Olympia», extensa galeria semelhante á das machinas da ultima exposiçao de Paris, transformado em hippodromo.

dissimas classes, se apresentaram, successivamente, deante do jury e do publico durante uma semana, em duas sessões diarias e uma nocturna.

As enchentes, como se dá em todas as festas da

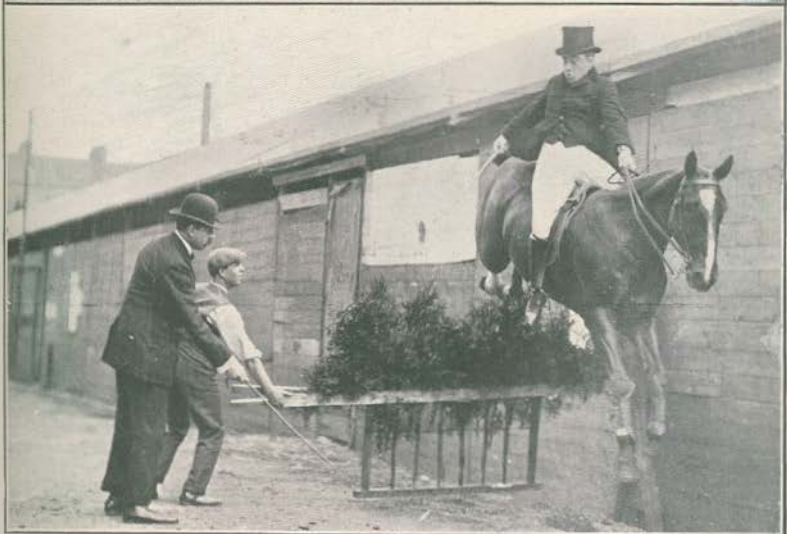


Vista geral do recinto da exposiçao.

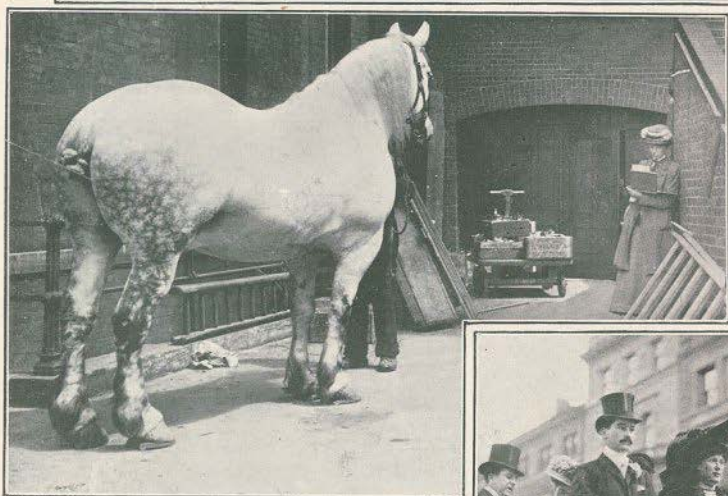


season, foram continuas; logo nos primeiros dois dias entraram pelas diferentes portas 44:000 pessoas.

O effeito do enorme recinto era encantador. Todo o chão fôra coberto de relva natural, separando-se das bancadas por uma orla de flôres côr de rosa e arbustos elegantes; bandeiras, vistosos



O campeão inglez no concurso de saltos — O campeão francez no concurso de saltos — Primeiro premio da sua classe! — Ultimo ensaio antes do concurso



pannos com escudos, grinaldas e festões de flôres pendiam do tecto e espalhavam-se artisticamente por toda a parte destacando-se os enormes *abat-jours* verdes, de grande efeito, das lampadas electricas de grande intensidade e numero.

Os tres primeiros premios da exposiçào: *Lively Beeswing*, *Sir Humphrey* e *Little Ruby*—O «steam» do sr. *Stearn* — O maior e mais pesado cavallo do mundo: «*Juno*» (1:219 kilos)—O sr. *Alfred Wanderbill* e sua esposa

NA CARREIRA DE TIRO

O CONCURSO NACIONAL



FALLANDO-SE de tiro ou, melhor dito, fallando-se de dextreza na pontaria, é forçoso relembrar Guilherme Tell. O famoso e quasi legendario heroe suizo, que viveu nos começos do seculo XIV, foi um dos que se não quiz dobrar á ordem do balio Gessler, que obrigava os suínos a inclinar-se diante de um chapéu exposto na praça publica de Altorf. Foi condemnado a deitar abaixo, com uma flecha, uma maçã posta na cabeça de



seu filho. Guilherme Tell, que era um atirador exímio, sahio vencedor d'esta prova; mas como confessára que, no caso de insuccesso, teria morto o balio, este mandou-o conduzir a uma fortaleza, amarrado de pés e mãos. Uma tempestade, que se levantou no lago dos Quatro Cantões, favoreceu a fuga de Guilherme Tell que, assassinou Gessler, sendo este assassino o signal do levantamento das massas contra o dominio da casa d'Austria.



Atiradores do gr. «Patrias»—O sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, da «União», detentor da «Taça D. Carlos I», instituída pela revista «Tiro e Sports»—União dos Atiradores Cívicos Portuguezes

De então para cá, os suíços tem tido sempre a maior preponderância no que respeita a precisão de tiro. Mas as outras nações não lhe ficam atrás.

A instrução do tiro, tão desprezada nos tempos mais remotos, tornou-se em nossos dias de uma importância capital, preparando assim o soldado do futuro, pela criação de diversas sociedades civis, que instituem prémios aos melhores atiradores, creando concursos, onde se experimentam todas as provas de destreza.

Ha atiradores que tem adquirido na pratica das ar-



1. Sua Magestade El-Rei e o sr. ministro da guerra, saindo da carreira de tiro
2. O sr. João da Veiga

mas, uma precisão extraordinária no golpe de vista; mas sejam quaes forem as armas de que usem, os principios essenciaes do tiro permanecem sempre os mesmos.

As regras do tiro de espingarda, para todas as circunstancias



3. O sr. Costa Pinto (filho)
4. O sr. Brandão de Mello—5. Um aspecto da carreira



que possam apresentar-se de caça, são immutaveis.

Entre nós, o ultimo concurso nacional realizado na carreira de tiro de Pedrouços chamou áquelle recinto uma enorme concorrencia; pena foi que os resultados não correspondessem ao entusiasmo que a prova final despertou.

Ganhou o primeiro premio, uma taça de prata sobre peanha de porphyro, offerta por sua magestade el-rei, e a medalha de ouro, o sr. Adol-



Grupo de atiradores da filial da União em Coimbra: (sentados) os srs. Pães da Silva, Antonio Silvano, (de pé) os srs. dr. Paredes, Pedro Henriques, Mario Themudo



Os srs. Adolpho Ferreira Lima, (1.º premio da 1.ª classe); Jayme Aldim, (1.º premio da 2.ª classe); Justo Figueira, (1.º premio da 3.ª classe)—(CLICHÉS DE BENSOLIER)

pho Ferreira de Lima; e no campeonato da revista *Tiro e Sport*, a taça D. Carlos I, disputada pela quarta vez, foi ganha pelo sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, da União dos Atiradores Civis Portuguezes.

A distribuição dos premios foi feita pelo senhor infante D. Afonso, assistindo ao solemne acto o sr. ministro da guerra e delegados do ministerio do reino, da camara municipal, da U. A. C. P., do ministerio da guerra e da Escola Pratica de Infantaria.

CONCURSO HIPICO NA TAPADA D'AJUDA

O ultimo dia do concurso hippico nacional na tapada d'Ajuda foi uma demonstração brilhantissima da coragem e arrojo dos nossos cavalleiros, que praticaram verdadeiras proezas com as montadas de que dispunham.

As provas mais extraordinarias do concurso foram as de saltos em altura e saltos em largura.

Proveitosa e salutar lição foi esta,



que poderá competir com a do estrangeiro que tem cuidado efficazmente e tenazmente d'este assumpto,—e prestará com certeza os melho'es serviços.

A cerimonia da distribuição dos premios e o cortejo que depois se organisou foram imponentissimos, assistindo na tribuna real suas magestades El-Rei e a Rainha, os Infantes D. Afonso e D. Manuel e o sr. minis-



deve pôr de atalaya todos os que se interessam pelo futuro das raças cavalleres em Portugal, procurando obter os melho'es pur-sang a fim de os aperfeçoarem, pelos cruzamentos nobres. D'este modo, teremos mais tarde uma raça cavallar




tro da guerra. Não está na indole da *Illustração Portuguesa* enumerar a longa lista de todos os premiados; sejam, porém, relevado o facto de fecharmos esta noticia com uma saudação ao sr. conde de Fontalva.

MEMORIAS DO Chefe Jacob

que o meu viver fosse falho d'interesse e que eu sem fei-
tos, sem fallacias, sem aven-
turas, ao cabo de alcachinar o corpo
atrás da rabiça dos arados ou de me
derrear no amanho das courellas,
viria a findar, como toda a minha
gente, mettido n'um cantinho, sem
ouvir e sem dizer, n'algun casebre
branco, lá para o fundo socegado
d'uma aldeia.

Mas não tinha que ser assim. Foi
outra a minha sorte, foram outros os
meus trabalhos.

Em vez de curtir esta cara com a nor-
tada da serra e de callejar as mãos com
o tarolo da sachola, engelhei ahí em
noitadas pela cidade e gastei-me no en-
calço de malfeteiros; em vez de me ajou-
jar com o peso dos feixes, dos fenos ou



chefe Jacob foi durante vinte e se-
te annos um dos grandes policiaes
portuguezes e não devendo ficar
perdidas as suas recordações d'uma
vida de activo trabalho na descoberta de
criminosos, narra a um amigo as peri-
pecias da sua longa carreira que a ILLUS-
TRAÇÃO PORTUGUEZA publica para en-
sinamento dos novos agentes policiaes e
para archivar a historia de interessantes
casos e os processos usados pelo celebre po-
licia, hoje aposentado, na busca de terri-
veis e intrincados crimes, narrativs que
longe de serem phantasias são antes da
mais cabal verdade.*****

QUANDO no tempo da revolta chamada
dos Pesos e Medidas eu era anseçada
no 9 d'infantaria em Braga, nem por sonhos
me podia vir á mente que hoje, corridos
quarenta e cinco annos, aqui estaria contan-
do casos da minha vida, pois se muito tenho
de curioso mais tenho ainda de reservado.

Depois, valha a verdade, sempre esperei



das paveias, arrei a esparrella a ruins homens, ca-
cei-os entre os mais batidos no crime, como lá na
terra — se tivesse ficado camponio — arrancaria as
raizes do escalracho ou destruiria os cardos que fazem
mal entre as leiras das searas.

Julguei que labutaria n'uns palmos de campo e gal-
guei leguas de cidade na cola de criminosos, pensei
que seria um lavradorseco com as suas duas geiras e
fui policia nem eu sei como. Era o meu fado e ao fado
ninguem se escapa!

Fui, pois, policia, eu Jacob da Fonseca, filho da
villa de Mondim, um rincão lá do norte, ali nasci ha
setenta e dois annos, que os fiz agora, n'este abril,
aos doze: fui policia, eu, que d'esse mister, como se

Ah! Como eu queria aprender a adivinhar!

Ainda hoje rio d'essa idéa e tambem ao lembrar-
me que mais tarde houve pessoas d'egual opinião a
meu respeito. Soltei boas risadas — eu sempre fui fol-
gasão — ao vér em certos olhos o espanto, o medo e o
pasmio, que eram confissões, e em certas caras uns
geitos a bem de quem pergunta:

— Este Jacob adivinhará?!

Não estava má essa maneira de o fazer. Só eu sei
quanto isso me custava, as noites que iam de vela, as
manhas que engendrava, as ancias que me afogavam,
e as voltas que dava zo miolo para um dia, frente a
frente com um malvado, contar-lhe por miudos as tra-
ças de que elle usára para praticar o crime!



— Está ali uma mulher morta no beco da Barbalzoda!

diz lá para cima, tinha apenas uma idéa mas tão en-
casquetada, tão segura na minha cabeça como um en-
forcado na sua corda ou como um condemnado na pri-
são cellular.

Sabem qual era essa idéa?! Que a policia adivi-
nhava!

Isto rebentára em mim como um pilriteiro n'um
vergel rompe e cresce. Aparecera-me tal pensamento,
sem duvida por vér ali no centro das provincias —
ao tempo que servia no regimento — os grandes policia-
s d'então — o *Canarim* e o *Ferreira*, pae — apon-
tarem n'uma malta de homens aquelle que se metterá
na má vida e levarem-no comsigo, d'algemas nos pul-
sos, como se Deus lhes tivesse posto a virtude de co-
nhecerem os miseraveis e apenas com um enviezado
d'olhos marcarem os matadores e a gente de ruim
casta.

E' um grande consolo, isso é, grande como mais
nenhum, esse de topar o fio d'uma meada, desenrol-
lal-o, chegar ao fim e dizer a rir, com a mão fincada
no hombro d'um patife:

— Não vale negar, meu diabo, não vale ne-
gar!...

Ah! E' muito bom e de seguida, mostrar-se-lhe,
pontinho por pontinho, que realmente se conhece tudo
e que não lhe vale a negativa!...

Esse é o prazer maior, é aquelle que cousa alguma
paga, nem o dinheiro, nem os louvores, nem as pala-
vras boas, nem o lalar do povo! E' — deixem-me di-
zer assim — um goso, como o do cão de guarda ao fi-
lar pelas polpas das guellas o lobo que assalta as ovel-
has!... Foi isso o que eu gosei depois de muitos tor-
mentos e por varias vezes!...

Assim dizia o velho chefe Jacob, ao recordar a sua carreira de policia, á vontade na cadeira larga, com as mãos curtas sobre os joelhos, rindo por vezes com esse riso que é só das creanças e dos bons, ficando outras graves e com uma ruga transversal e cava na sua testa bombeada. Por momentos passava a mão na calva e quedava silencioso como se visse ainda a horda que enviára ao degredo; depois esgarçava a bocca, o bigode branco e forte arrepiava-se-lhe ao canto dos labios, encolhia os hombros polpudos e terminava convencido e de boa consciencia:

—Era o meu dever! Para que se soltam os mastins nos campos...? Por causa dos lobos... Por via dos ladrões!...

Ria, esfregava as mãos e entrava a contar casos de mortes e de roubos, de falsarios e de incendiarios, cousas tragicas e só d'elle sabidas, tão tragicas que cortam o coração e arrepiavam o velho policia n'uma impressionante lembrança, ao fim de tanto tempo, ali sentado na sua cadeira, por essa tarde chuvosa d'abril—o mez dos seus annos—que elle achava d'uma inverno brava.

Eis o que ouvi da sua bocca, sahido da sua experiencia:

O ASSASSINIO DA BARBALEDA
 UM CRIME MYSTERIOSO
 UMA SENHORA DE BOA FAMILIA ASSASSINADA N'UM BECO ESCURO
 QUEM COMMETTEU O CRIME?!

Foi na vespera do Natal em 1873. Lembra-me o caso como se fosse de hoje; estava eu na divisão do pateo de D. Fradique, já ao serviço secreto, e quem me indicou a diligencia foi o commissario Ulpio da Veiga, um santo homem que lá está com Deus!...

De dia houvera um d'estes temporaes endiabrados, com ventaneira d'arrancar arvores e com cada batega d'agua d'escorrer pelos passeios e não ter vasão nas argentas d'onde borbotava em cachões correndo grossa pelas valletas; a noite ainda estivera peor, medonha de relampagos, aspera, tormentosa. Cada gotteira des-

pejava um riacho; fazia um tempo bom para se ficar á mesa, depois da consoada, beberricando umas gottas e ouvindo velhas historias do Natal, d'aquellas que todos nós gostamos n'essa noite, em que ha sempre cousas boas, feitas por Jesus aos pequenos e que se escutam com um vago sorriso para os copos cheios.

Oh! mas aquella foi uma má noite!... Logo um nadinha desviado da uma hora, a patrulha que rondava a Mouraria parou diante de dois homens arodados e que mal cobertos nos chapéus de chuva ensopados, diziam:

—Está ali uma mulher morta no beco da Barbaleda!...

Os municipaes lá foram; romperam para o escuro do beco—aquillo então não era como hoje—e viram um corpo cahido a meio da calçada; quizeram accender phosphoros mas o vento só os deixava durar uns apices; e elles, suspendendo dos hombros as correias das espingardas, agarraram a mulher e assim a levaram a caminho de S. José. Juntara-se-lhes um policia de

giro e na quina de S. Lazaro, quando a pouzaram á luz agitada d'um candieiro, viram uma cara suja de lama e de sangue. Os dois populares entravam em explicações; eram pessoas honradas e pacatas ali do sitio que ainda tremiam mais de medo que com o frio rijo.

Só na sala do Banco do hospital, quando se passou no rosto da mulher uma esponja molhada, elles a puderam vér bem, n'uma admiração grande ao repararem no certo luxo com que ella trajava e ao lembrarem-se do lugar onde a tinham topado.

Devia ter quarenta e tantos annos; não era feita apesar dos cabellos já grisalharem e de ter aos cantos da bocca aquellas rugas que dizem ser dos desgostos. Mas o traje, em que estado o viam?! Era de seda

mas todo golpeado no ventre, rasgado nas mangas, ensopado em lama e em sangue; o medico descobriralhe os hombros, e os seios e logo appareceram na carne manchas violentas e roxas, desapertara-lhe o vestido muito á pressa e encontrara f'ndos golpes pelas coxas e pela barriga e n'uma perna como o pisado d'uma roda. A mulher estava sem alento; no chão ha-



O exterior da esquadra do pateo de D. Fradique



O interior da esquadra do pateo de D. Fradique

via já laivos de sangue que um moço do hospital ia cobrindo de serradura.

Via-se que não era uma creatura afeita àquelle bairro pobre; as suas roupas eram finas, as botas caras, as mãos brancas e agora tinha-as fechadas como n'um desespero. Por instantes descerrou os olhos, que eram pretos e vivos, soltou um gemido e o medico perguntou logo, todo curvado para a ouvir:

— Como foi isto?!... Quem a quiz matar?!...

Ella estremeceu e disse baixinho: Ninguem... Fiquei debaixo d'um trem quando atravessava a rua!...

Depois como se lhe notasse que n'aquelle beco não passavam trens e como lhe perguntassem o nome, fechou outra vez os olhos e ficou-se com um ar de morta, agora já no canto da enfermaria, na sua cama numerada.

alguem que lhe queria mal e os medicos eram os primeiros a dizel-o, a não acreditarem n'aquella mal engendrada historia d'um trem que a ferira de tal maneira. Ao mesmo tempo os vergões negros das pernas, o moído, bem marcado, das rodas dava-lhes que pensar.

O estado da mulher era gravissimo; não era conveniente fazel-a falar e, no entanto, todos tinham o desejo de saber d'aquella tragedia, adivinhada até na fórma por que no seu começo de delirio parecia querer occultar alguma cousa.

A noite ia decorrendo; já se ouviam rumores nas ruas sob o ruído da forte chuva que caía sempre. Deixaram-na soccegar uns momentos. Uma enfermeira ficou ali á cabeceira da ferida, e como, ao cabo d'uma hora, se movesse, logo os medicos vieram no-



Os municipaes agarraram a mulher e assim a levaram a caminho de S. José

— Debaixo d'um trem! Isso podia lá ser!... e abrindo-lhe com vagar as mãos viu-as golpeadas da parte de dentro como se tivesse querido segurar uma faca afiada dirigida de cutello contra si e que ao cabo d'uma lucha lhe rasgara, depois dos dedos, o ventre e as coxas, na hora em que não pudera defender-se mais.

— Quem lhe fez isso?!

— Ninguem... Ninguem... Foi o trem...

Continuava n'um estado de abatimento; na sala do hospital os doentes soerguiam-se nos leitos diante d'aquelle interrogatorio feito ainda de noite, n'um grande receio de que ella morresse antes de dizer o nome dos assassinos.

Sim, porque, sem duvida, houvera assassinos,

vamente, no fundo bem interessados por ouvirem d'aquella bocca que ia emmudecer para sempre o segredo do attentado.

Estiveram assim em volta da sua cama, espionando-lhe os movimentos; os sobresaltos bruscos do seu corpo até que a viram abrir os olhos e ficar tranzida uns instantes e cair n'um abatimento. Pôz-se a chorar em silencio; as lagrimas rolavam lhe grossas pelas faces, diante d'aquelles homens.

Perguntou-se-lhe então outra vez pelo nome e pela sua familia, quiz saber-se d'onde viera e se era casada, e muito afogucada, n'uma especie de delirio que já entrava com ella, respondeu:

— Deixem-me... Não sei mais nada!... Foi o carro... Chamo-me Maria da Piedade...

—Só Maria da Piedade?!... E a sua familia?!... interrogaram ao verem-na no proposito de se calar e receando que não chegasse ao dia seguinte.

Da sua bocca amortecida sahio n'um suspiro um appellido:

—Oliveira e Silva, a minha familia... Sou casada, sim... Tinha sahido, o trem passou-me por cima... Móra na Bempostinha.

E não houve maneira de lhe arrancar mais nada!

Aquillo fez sensação; o appellido que ella dissera pertencia a uma familia abastada, as suas negativas ácerca do que lhe tinham feito, aquelle passeio a taes horas por tal bairro, eram mysterios.

Ao romper da manhã do Natal fallaram-lhe de novo ao verem-na em estado grave e não quiz dizer mais nada. Correu o dia e a noticia espalhou-se; não foi ninguem da familia vel-a ao hospital, onde apenas appareceu uma mulher desconhecida. Indagados os moradores do beco, todos declararam não terem ouvido gritos na noite, os homens que a tinham encontrado eram pessoas sérias e iam fugindo á chuva quando tropeçaram no corpo; os medicos diziam que ella morreria e o caso alarmou a cidade sobretudo quando os jornaes entraram a tratá-lo. Não se sabia nada; d'aquella bocca da victima nunca sahira a verdade.

Por isso quando o commissario acabou de contar o acontecimento e se voltou para mim com um vago sorriso de troça, eu, então simples policia, apenas o olhei tambem cheio de embaraços.

—Então que diz você a isso, seu Jacob?! tornou elle a puxar o bigode.

E eu volvi acanhado e vermelho sem saber mesmo o que dizia:

—Meu commissario é necessario saber a casa onde elle passou a noite!...

—A casa?! Pois você julga que não foi no beco?!

—Julgo!... Ninguem ouviu gritar na noite do crime...

Ulpio da Veiga sorriu, encolheu os hombros e accrescentou:

—Olhe, Jacob, só ella o podia dizer, mas está morta!...

Tive um arrepio na espinha e enchi-me d'uma coragem que nem sei explicar; d'ahi retorqui:

Mas ha vivos que fallarão!...

—Quaes?! — tornou elle — Você tem uma mulher morta de que sabe o nome e a morada, que foi assassinada no dizer dos medicos e victima d'um accidente na sua confissão... Depois, isso foi ha oito mezes e agora como os jornaes fallam...

—Oito mezes?!

—Pois eu não lhe disse que o caso succedeu na vespera do Natal!... Não estamos em agosto?!...

Senti-me succumbido e vi sorrisos em todos os labios.

—Que faria o senhor?!... perguntou-me então o chefe Jacob.

Corei com o elle corára diante do commissario e disse:

—Eu não

sei!... E o senhor o que fez?...

O velho chefe Jacob, com o seu sorriso vago, com a sua maneira semi-comica semi-seria, passando a mão pelos joelhos n'um gesto favorito, e com o seu sorriso de victoria exclamou:

—Eu lhe vou dizer como descobri os auctores do crime!

(Continúa).

ROCHA MARTINS.



A casa onde actualmente mora o chefe Jacob

CONCURSO DA PRIMAVERA

A EXPOSIÇÃO DOS PREMIOS



*O automovel e o coupé, que constituem dois dos mais valiosos premios do concurso
A exposição de varios brindes — Guardando a vitrine que contém os premios monetarios*

O sucesso da exposição dos premios destinados aos concorrentes do Concurso da Primavera, accentuado logo no dia da sua abertura pela visita de mais de 30 mil pessoas, excedeu, na verdade, a expectativa mais lisonjeira que se tivesse previamente formado. Deve, contudo, reconhecer-se que o bello effeito da exhibição feita no Auto-Palace não podia deixar de chamar ali, pelo seu interesse e atractivo innegaveis, o proprio publico que não tomou parte no concurso; e foi isso o que aconteceu, servindo para convencer os incredulos, que já estão decerto arrependidos de ter perdido um tão facil ensejo de ganhar um brindo valiosissimo com bem escasso sacrificio de trabalho.



Aspecto geral da exposição — O público á porta de entrada da «garages»

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A NOSSA TERRA

O S. JOÃO NA FIGUEIRA DA FOZ

A FESTA de S. João, que está ligada ao phenomeno do solsticio do verão, e por isso é commum a todos os povos indo-europeus e tambem aos semitas, é uma das mais populares do nosso paiz. Essa festa conserva ain-

Na Figueira, o Precursor é festejadissimo como o resto do paiz. Formam-se todos os annos ranchos de bellas raparigas e desenvoltos rapazes, para dançarem no dia e na noite de S. João, alguns dos quaes tem



Orchestra e pares dançantes do rancho popniar «O Vapor»

da, em Portugal, um evidente caracter phallico, como o demonstra o cancionero respectivo:

S. João, S. João,
Não deixeis este verão passar;
Dai-me noivo, S. João, dai-me noivo,
Dai-me noivo, que me quero casar.

A noite de S. João
E' a noite dos embuçados;
Julga-se que são solteiros,
Os mais d'elles são casados.

ficado celebres, galgando a sua nomeada até para fora da localidade. Bastará citar os nomes dos ranchos de *Carvoeiros*, do *Vapor* e das *Rosas*, tres dos mais notáveis.

Este anno foi o rancho do *Vapor* que conquistou as primazias, devido não só à magnifica orchestra com que se apresentou e à graciosidade dos seus pares dançantes, como tambem ao encanto das canções e musicas do seu repertorio, todas novas e originaes.

Reproduzimos, por isso, duas photographias representando os respectivos grupos.



Outro grupo do mesmo rancho



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, atormoseados, fortificados com asseio as **Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. Aprobado pelas notabilidades medicas.

J. Ratio, Ph. S, *Passage Verdun, PARIS*. Frasco com instruções, 18000 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobrecrindo (Chomar), Benedit e Casal d' Hermio (Louza), Valle Zbair (Hilbergaria a Velha).

Papel do Prado

Installadas para uma producao annual de cinco milhes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
 Ender. telegraphicos: **LISBOA, COMPANHIA PRADO**
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonico: 508

LIVRO DE OURO DA MULHER

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
 Premiado na exposiçao de Leipzig de 1904

Pela Doutora **ANNA FISCHER DUCKELMANN**

Traduzido e adequado pelo Dr. **ARDISSON FERREIRA**
 Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA, ITALIA, RUSSIA E HESPANHA

CENTENARES DE GRAVURAS = LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**. Tomo de 80 paginas **300 réis**

Pedidos á antiga **CASA BERTRAND** 73, R. Garrett, 75 LISBOA

Gravuras

Chromos

Discos Simplex

nitidez e duracao contendo o mais VARIADO E MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES E EXTRAN-GEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

de double face, os melhores pela sua

sira de J. Castello Branco. Preços excepçoes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a

Simplex

J. Castello Branco

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.**
 RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA

Farinha lactea

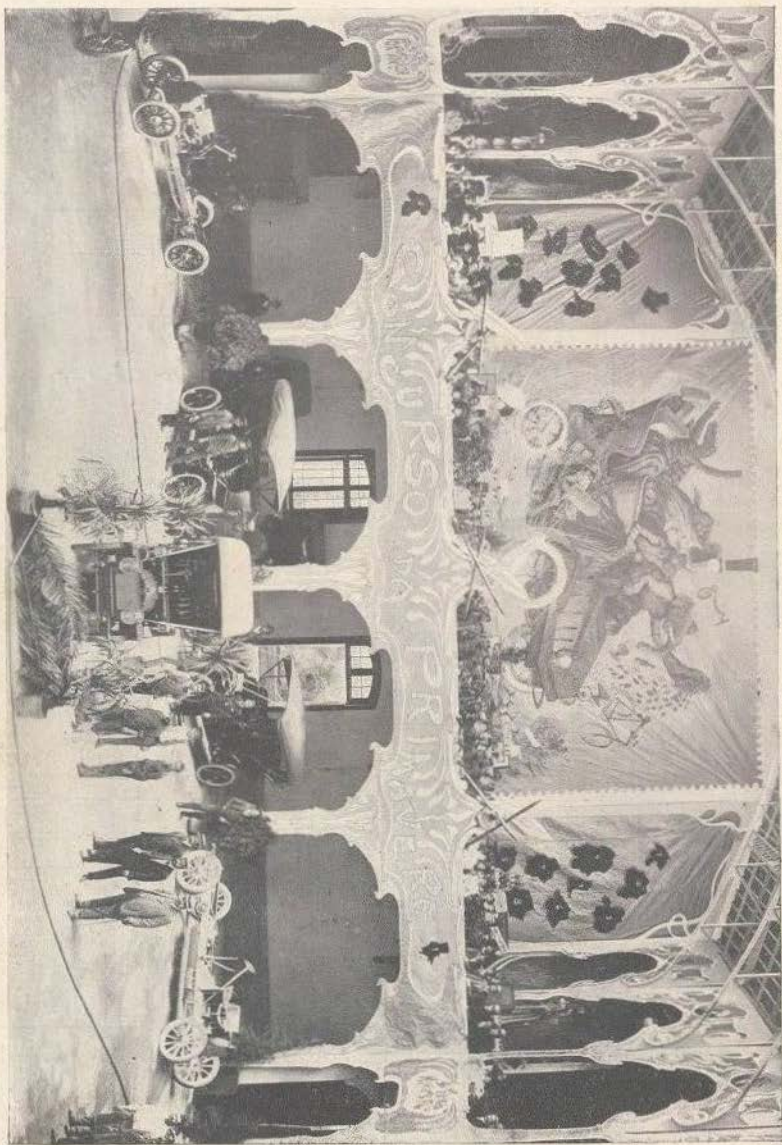
Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agrícola de Lisboa

Concurso da Primavera

RUA ALEXANDRE HERCULANO LISBOA



AUTO-PALACE

ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE PREMIOS